

“A flor do exílio” – A amizade de Stefan Zweig e Ernst Feder vista a partir do *Diário Brasileiro* de Feder

“The flower of exile” – The friendship of Stefan Zweig and Ernst Feder
as viewed through Feder’s *Brazilian Diary*

MARLEN ECKL

Mestre em Letras, Estudos Judaicos e Direito pela Universidade Johannes Gutenberg de Mainz (Alemanha). Doutora em História pela Universidade de Viena (Áustria) e Pesquisadora sênior do LEER/USP e do Instituto Shoah de Direitos Humanos, São Paulo

Traduzido do alemão por Kristina Michahelles

RESUMO Ernst Feder, jurista e editor responsável de política do *Berliner Tageblatt* por muitos anos, foi um dos jornalistas alemães mais prestigiosos e internacionalmente conhecidos. Em 1933, por ser judeu e devido à sua atitude política, teve que deixar a Alemanha. Depois de oito anos de exílio na França, chegou, em 1941, junto com sua esposa Erna, ao Rio de Janeiro. Aí também se tornou um jornalista conhecido, sendo amigo, entre outros, de Herbert Moses, Samuel Wainer, Rui Ribeiro Couto, Augusto Meyer, Sérgio Buarque de Holanda e Edgar Roquette-Pinto. Último amigo a ver o casal Lotte e Stefan Zweig na véspera do suicídio dele, Feder tornou-se famoso no mundo inteiro de uma maneira trágica, como um espécie de cronista da vida e morte de Zweig no Brasil. No seu *Diário Brasileiro*, inédito, desenhou um retrato detalhado do exílio alemão no Brasil. O artigo apresenta a trajetória de Ernst Feder e da sua amizade com Stefan Zweig no exílio brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE Stefan Zweig, Ernst Feder, exílio de fala alemã no Brasil, Estado Novo.

ABSTRACT Ernst Feder, lawyer and long-standing political editor-in-chief of *Berliner Tageblatt*, was one of the most renowned and internationally well known German journalists. In 1933 due to his Jewish origin and political view he had to leave Germany. After an eight-year exile in France Feder and his wife Erna came to Rio de Janeiro in 1941. Here he became a famous journalist in Brazil, too. Herbert Moses, Samuel Wainer, Rui Ribeiro Couto, Augusto Meyer, Sérgio Buarque de Holanda e Edgar Roquette-Pinto, among others, belonged to his Brazilian friends. In his “Brazilian Diary” he gives a detailed picture of the German exile in Brazil. Being the last friend to see Stefan Zweig and his wife Lotte on the eve of their suicide, Feder tragically became internationally renowned as chronicler of life and death of Stefan Zweig in Brazil. On the basis of diary entries of the “Brazilian Diary” this article presents the life of Ernst Feder and his friendship with Stefan Zweig in Brazilian Exile.

KEYWORDS Stefan Zweig, Ernst Feder, German-speaking exile in Brazil, Estado Novo.

Ernesto Feder, prestigioso redator do jornal *Berliner Tageblatt*, de outrora, chegou ao Brasil em companhia da sua esposa e a pena como único recurso. (...) Sem esquecer suas preocupações doutrinárias de pensador liberal e europeu, Ernesto Feder soube adaptar-se ao meio americano. Interessa-se e escreve sobre episódios e problemas da nossa América. (...) Seu observatório é um pequeno apartamento cheio de livros, mas seu horizonte é o mundo. Se quiseres receber uma lição dignificadora da vida (...) podeis folhear seus livros ou visitar este paladino de causas humanas, que foi o primeiro escritor europeu que assinalou os perigos do nazismo: o antigo redator-chefe de um dos maiores jornais europeus de sua época, um liberal impenitente, um mestre simples e ameno. (BENITEZ, 1946)

ASSIM O MINISTRO PARAGUAIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, JUAN PASTOR BENITEZ, descreveu em 1946 o conhecido jornalista judeu em seu artigo “A flor do exílio”, no qual expressa sua admiração por aquele homem extraordinário que, já em idade avan-

çada, conseguiu refazer sua vida em um país e em uma cultura tão diferentes de sua socialização europeia. Nascido em Berlim em 1881, Ernst Feder estudou Direito, História e Ciências Políticas e obteve o grau de doutor com êxito. Abriu um escritório próprio de advocacia e, em 1903, começou a atuar também como escritor. Em 1911, casou-se com Erna Zobel. Oito anos depois, assumiu o cargo de editor da seção de política interna do influente jornal *Berliner Tageblatt*. Alcançou renome internacional com sua cobertura sobre as negociações para a entrada da Alemanha na Liga das Nações. Durante a República de Weimar foi eleito presidente da Reichsarbeitsgemeinschaft der Deutschen Presse (Grupo de Trabalho da Imprensa Alemã do Reich) e até 1933 integrou a diretoria do Reichsverbandes der Deutschen Presse (Associação da Imprensa Alemã do Reich). Depois de deixar a redação do *Berliner Tageblatt* em dezembro de 1930, continuou escrevendo para outros jornais, como o *Frankfurter Zeitung*. Em 1931, foi nomeado juiz vitalício na Corte Internacional de Honra da Imprensa em Haia.

No verão de 1933, depois de uma passagem pela Suíça, Feder e sua esposa exilaram-se em Paris. O estreito contato de Feder com colegas franceses permitiu-lhe continuar suas atividades como jurista e jornalista. No início de outubro de 1939, Feder ficou internado durante um breve período no campo La Braconne. Graças a um visto de diplomata do então embaixador brasileiro na França, Luiz Martins de Souza Dantas, os Feder conseguiram fugir da Europa. No dia 17 de julho de 1941, chegaram ao Rio de Janeiro.

Naquele mesmo dia, Feder iniciou seu “Brasilianisches Tagebuch” (*Diário Brasileiro*). Ele o atualizava regularmente. Várias são as motivações para que alguém escreva um diário. Feder se inscreve na tradição do diário político, pois tinha plena cons-

ciência de sua posição privilegiada como editor político do *Berliner Tageblatt* e membro do *Deutsche Demokratische Partei* (Partido Democrata Alemão). Assim, até a emigração, seus diários relatam mais sobre os acontecimentos externos do que sobre aspectos pessoais. O *Diário Brasileiro* de Feder, portanto, de certa forma, reflete o panorama de todos os exilados de fala alemã naquele Brasil que acolhia refugiados, ainda pouco pesquisado em comparação com outros países de exílio. Por consequência, é uma fonte de valor inestimável, que infelizmente ainda não mereceu a atenção devida.

É mágica a imagem do navio deslizando para a gigantesca *Baía de Guanabara* (*sic*) na noite escura, enquanto a iluminação mágica, quase irreal, de milhares e milhares (*sic*) de lâmpadas elétricas aflora à direita e à esquerda. É como se a metrópole tivesse se preparado para receber-nos, e não parece real a ideia de que aqui, noite após noite, tal miríade de luzes se dissipe fantasmagoricamente, interrompida por morros e ilhas, quase irreconhecível, da mesma forma que tudo aqui parece natural e fantasmagórico, sem que a mão humana e a obra humana se tornem visíveis. (FEDER, *Tagebücher* v. 15, 17/7/1941)

Feder não foi o primeiro ou único refugiado que ficou fascinado pela beleza natural do Rio de Janeiro e perpetuou suas primeiras impressões por escrito, como neste trecho que inicia seu *Diário Brasileiro*. Muitos textos de outros imigrantes contêm descrições semelhantes. Ao chegar, Feder não era um mero desconhecido. Dois dias depois, o *Correio da Manhã* já publicava um artigo sobre ele, e o *Globo*, uma entrevista. Assim, outros refugiados tomaram conhecimento de sua chegada ao Rio de Janeiro e buscaram contato com ele. Não demorou para Feder refazer laços com velhos ami-

gos e outros exilados. Para citar apenas alguns, Hans Klinghoffer, Hugo Simon, Leopold Stern, Paul Frischauer, Richard Katz, Richard Lewinsohn e Wolfgang Hoffmann-Harnisch.

Graças às generosas cartas de recomendação recebidas do embaixador Souza Dantas e de outros dois funcionários da embaixada, Medeiros de Paço e Antônio Dias Tavares Bastos, Feder logo travou conhecimento com personalidades influentes. De sua rede de contatos – construída em tempo recorde – faziam parte, entre outros, Rui Ribeiro Couto, Herbert Moses, Claudio de Souza, Augusto Meyer e os jornalistas Samuel Wainer (*Diretrizes*), Cándido Campos (*A Notícia*), Raimundo de Magalhães (*A Noite*), Luís Guimarães Filho (*A Gazeta*), Oswaldo Souza e Silva (*Ilustração Brasileira*), Cassiano Ricardo e Mucio Leão (*A Manhã*), José Pires do Rio e João Macdowell (*Jornal do Brasil*).

Graças a esses contatos, depois de apenas dois meses no Brasil, mais precisamente no dia 7/9/1941, Feder já estreia na grande imprensa brasileira com um artigo sobre Colombo no *Jornal do Brasil*. Foi um começo promissor, e logo seguiriam publicações regulares em vários outros jornais. Embora logo tivesse começado a aprender o português, ainda demorou um ano antes que Feder tivesse coragem de redigir seus artigos na nova língua. Como os honorários eram ínfimos, foi difícil ganhar a vida como jornalista. O trecho seguinte, o da anotação de 13/1/1942, é representativo de muitos outros dias e evidencia a via crúcis de Feder através de várias redações de jornal:

Noite (o jornal *A Noite*, M.E.), Raimundo Magalhães, a quem devolvo o Príncipe Galante, me faz uma dedicatória de seu *Judeu e Carlota* (...).

(Na) livraria Nelson me dá 2 traduções (de artigos) que eu reviso com ele (sempre há o que melhorar,

às vezes ele não entende o francês, às vezes não entende a ideia), 2 outros entregues. (...)

Guimaraes (*sic*) (*A Gazeta*): artigo não foi publicado mais uma vez, ele atribuiu à desorganização por causa do novo formato, manda pagar meus honorários!

Mucio Leão (*A Manhã*): cumprimento-o pela publicação de Heine, conta sobre várias coisas (*sic*), tento convencê-lo a publicar uma tradução completa. Na pauta para o próximo domingo: Meyerbeer

Macdowell (*Jornal do Brasil*): entreguei o artigo sobre Montesquieu. Ele: “A situação na Europa está péssima, até na Alemanha.” Pires não quer que os colaboradores estrangeiros fiquem em evidência, por isso sem clichês (*sic*). Eu: “Mas meus temas são tão inofensivos.”

Don (*sic*) Oswaldo (*Ilustração Brasileira*): publicará (o artigo sobre) Pagini na edição de fevereiro, quer nos visitar em Petrópolis. (FEDER, *Tagebücher*, v.15, 13/1/1942)

Essa anotação no diário revela que a situação para os alemães no Brasil haveria de se complicar por causa da situação política. Depois de o Brasil entrar na guerra, em agosto de 1942, o tratamento mais rígido em relação aos súditos do Eixo fez cair a quantidade de artigos de Feder publicados em órgãos de imprensa brasileiros. Ainda assim, o jornalista estava numa situação comparativamente confortável, pois continuava escrevendo para o *Nationalzeitung* da Basileia, assim como o jornal de refugiados *Aufbau*, publicado em Nova York, e o *Argentinisches Tageblatt*, além de atender pedidos de órgãos de imprensa das comunidades judaicas

alemãs de São Paulo e do Rio de Janeiro – a *Crônica Israelita* e a revista *Aonde Vamos?*

Quando não desempenhava atividades jornalísticas, Feder usava o tempo livre para seu projeto de um livro sobre encontros com grandes personalidades, que saiu no Rio de Janeiro, em 1944, sob o título *Diálogos dos grandes do mundo*. O livro na versão original, intitulado *Begegnungen. Die Großen der Welt im Zwiegespräch*, só sairia publicado na Alemanha depois da guerra. Marcado pela experiência do nazismo, ele queria tornar visíveis “os ideais de liberdade, dignidade e da autorresponsabilidade dos indivíduos” (FEDER 1950a, 10). Ao final, Feder reuniu 16 encontros que influenciaram de forma decisiva a vida de pessoas importantes ou de países. O crítico literário Richard Dyck os equiparou às *Miniaturas históricas*, de August Strindberg (*Historische Miniaturen*), e aos *Momentos históricos da humanidade*, de Zweig (*Sternstunden der Menschheit*). Para Dyck, o fato de em seu livro Feder ter feito “Thomas Jefferson encontrar um estudante brasileiro em Nîmes ou o diplomata brasileiro Ruy Barbosa triunfar sobre a diplomacia convencional das grandes potências na Conferência de Haia” (DYCK, 1950) foi uma homenagem elegante à nova pátria, o Brasil. Mas segundo informações do próprio Feder, isso foi “para tecer uma espécie de laço espiritual entre o velho e o novo mundo através da evocação de figuras históricas, (...) a fim de me facilitar a adaptação ao novo ‘clima’, fazendo viver o intercâmbio cultural entre os dois continentes.” (FEDER, 1950a, p. 9).

Feder considerava importante a reciprocidade na mediação cultural. Da mesma forma que escolhia temas prioritariamente alemães ou europeus para tratar nos jornais no Rio, escrevia sobre acontecimentos políticos do Brasil ou abordava temas culturais brasileiros no jornal suíço *Nationalzeitung*, no *Argentinisches Tageblatt* ou no *Aufbau*

de Nova York. A partir de junho de 1943, aparecia numa coluna diária intitulada “Assim fala o rádio de Berlim” no *Diário de Notícias*, sob o pseudônimo Spectator, fazendo o papel do jornalista político que o tornara famoso na Europa. Dessa forma, também se tornou conhecido no Brasil como voz política.

Um tema de que tratou tanto na mídia alemã quanto brasileira, sob diversos aspectos, foi “Goethe e Brasil”. Repetia sempre que, para o poeta alemão, até sua morte, o Brasil sempre foi o país que mais o fascinava fora da Europa. “Acompanhava-o assim quase até o último alento a visão deste Brasil que tanto o atraía e onde, segundo sua afirmação no ensaio sobre as “Palmeiras” de Martius, se sentia tão presente e em casa.” (FEDER, 1951). Esse novo aspecto de Goethe possibilitou aos brasileiros um novo acesso a esse clássico da literatura alemã. Nesse sentido, o filósofo e antropólogo Edgar Roquette-Pinto elogiou os textos de Feder sobre a abordagem do Brasil por Goethe como “um bom serviço que presta à nossa cultura, digno de tantos que há alguns anos vem oferecendo aos brasileiros.” (Roquette-Pinto *apud* FEDER, 1950, 3). Para os exilados que tiveram de se refugiar neste país, Goethe servia como uma espécie de legitimação posterior de sua presença ali, uma vez que seu interesse pelo país atestava uma longa tradição alemã da união espiritual com o Brasil. Dessa forma, o poeta tornava-se uma importante figura de integração.

Mas Feder também queria compreender e conhecer o máximo da cultura e da mentalidade do país de refúgio para onde o destino o levara. Por esta razão, aceitava avidamente qualquer recomendação de leitura que recebia de seus novos conhecidos brasileiros ou de outros exilados. Dessa maneira, travou conhecimento com clássicos da literatura brasileira como Gonçalves Dias, Castro Al-

ves, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Lins do Rego, Euclides da Cunha, Gilberto Amado e Manuel Bandeira, assim como com as obras de Pedro Calmon, Roberto Simonsen, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. Alguns desses autores, Feder haveria de conhecer pessoalmente no curso de seus anos no Brasil. Os intelectuais brasileiros reconheciam seu interesse irrestrito pela cultura e história brasileiras e o incluíram em seus círculos, onde o jornalista alemão logo se tornou um interlocutor disputado. Mesmo tentando ter contatos com a classe alta do Rio e apesar de os encontros e as conversas com os conhecidos brasileiros ocuparem cada vez mais espaço em suas anotações, ele mantinha o contato com outros imigrantes.

Entre todos os contatos feitos no Brasil, dentre todas as amizades que fazia ou retomava, foi a amizade com Zweig, que o tornaria famoso no mundo inteiro, e de uma maneira trágica, por uma atividade jornalística como um espécie de cronista de vida e morte de Zweig no Brasil. Embora seu trabalho jornalístico até hoje ainda não tenha tido o devido reconhecimento, seu nome pode ser encontrado em todas as biografias de Zweig, pois o casal Feder passou a última noite com Stefan e Lotte Zweig antes da sua morte. Zweig faz parte dos poucos nomes que perpassam o *Diário Brasileiro* do começo ao fim como uma espécie de fio da meada. Abordar todos os aspectos da relação entre Feder e o escritor famoso e os efeitos do suicídio ultrapassaria o objetivo deste artigo. O que se pode fazer é transmitir apenas uma pequena impressão sobre a relevância dessa amizade.

Logo depois de chegar ao Rio, Feder tomou conhecimento dos rumores de que Zweig teria sido pago para escrever *Brasil, um país do futuro*, lançado pouco tempo antes. Como jornalista atento, Feder não deixou de ver a campanha que o

Correio da Manhã iniciou, no começo de agosto, contra a obra.

Discuto com eles (alguns conhecidos alemães que viveram no Brasil há mais tempo) a estranha campanha que o *Correio da Manhã* está conduzindo há algum tempo contra o livro de Stefan Zweig, que foi amplamente divulgado. Já são 4 artigos! (...) Isso tudo é tão irrisório, parcialmente equivocado e irracional e sempre hostil, que deve haver alguma intriga (contra a editora? Contra o governo? Contra amigos de Z?) por trás. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 8/8/1941)

Mas o primeiro encontro entre os dois escritores ocorreu somente em dezembro, em Petrópolis, para onde os Feder, bem como Stefan e Lotte Zweig, assim como tantos outros cariocas, haviam se retirado para fugir do calor insuportável na capital. Eles começaram a se encontrar regularmente. Feder registrou as conversas com um nível de detalhamento extraordinário. Embora os terríveis acontecimentos da guerra na Europa naturalmente dominassem a conversa, eles também falavam de vários outros episódios acontecidos durante épocas de paz.

Pequena anedota característica para (a) mentalidade alemã ocorrida no 60° aniversário do escritor (Gerhart Hauptmann). Sammy Fischer (o famoso editor) levou Zweig para um pequeno jantar no hotel Kaiserhof, ao qual Hauptmann chegou morrendo de sede depois de uma palestra de duas horas. “Antes de mais nada uma cerveja.” Garçon: „Sinto muito, aqui não servimos cerveja, se quiser vá até o bar”. Ao que o poeta festejado foi até o bar, enquanto Zweig dizia. “Pelo amor de Deus! Se na Itália, numa ocasião semelhante d’Annunzio quisesse um macaco, teriam arranjado um e levado até o salão de festas.” (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 24/1/1942)

“Pessimismo”, “pessimista” ou “profundamente deprimido” são expressões que se repetem nas anotações de Feder quando ele se refere ao estado d’alma do escritor. Mas não foi apenas a evolução dramática em sua velha pátria que deprimiu Zweig. A mudança pela qual o Brasil passava desde a sua última visita também o deixava pensativo.

(Zweig) acha que o Brasil está completamente transformado, entrou dinheiro, agora pode-se ter qualquer luxo, o sentimento de inferioridade em relação a tudo o que é estranho, incluindo a Argentina, foi substituído por um nacionalismo enfático que atribui todas as conquistas recentes a Getúlio Vargas. Ele acha o povo baixo tão agradável, muito honesto. (...) A rápida transformação fará o Brasil perder o melhor que tem. (...) Ele não quer morar no Rio, pois conhece muita gente lá que já não reconhece. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 30/12/1941)

Além desses temas sérios, Feder e Zweig aproveitavam a convivência para trocar informações sobre suas atividades enquanto escritores. Feder fazia Zweig participar do processo de gestação dos *Encontros*. E Zweig marcou a obra de Feder com suas sugestões. Assim, Zweig sugeriu que Feder fizesse a representação de um encontro entre Montaigne e Tasso (FEDER, *Tagebücher*, v.15, 5/2/1942), que Feder incluiu em seu livro. Até o título escolhido por ele, *Begegnungen*, se deve a uma sugestão de Zweig (cf. FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 22/6/1943). Zweig, por sua vez, apresentou ao jornalista sua novela *A partida de Xadrez* e pediu sua opinião sem restrições. Ficou muito contente com as observações críticas de Feder. Mais de uma vez, Lotte enfatizou como Zweig se sentia bem com este tipo de conversa.

No dia 21/2/1942, Lotte e Stefan Zweig convi-

daram os Feder para conversar sobre as impressões do carnaval do Rio, o qual os dois casais haviam assistido pouco antes.¹ É verdade que o jornalista reparara o ar ausente de Stefan Zweig, que parecia estar com o pensamento longe, bem como o ambiente sombrio da conversa. Mesmo assim, quando saíram, por volta da meia-noite, Erna e Ernst Feder não tinham a menor ideia de que aquela seria uma despedida definitiva.

A péssima intuição de que o escritor poderia cometer suicídio, registrada por Ernst Feder em seu diário na manhã do dia 23/2/1942, confirmar-se-ia em questão de horas como terrível verdade.

A profunda consternação que o jornalista sentiu também se expressa em sua reação forte ao comportamento desrespeitoso de Paul Frischauer e Leopold Stern. Além do editor de Zweig, Abraão Koogan, e outros conhecidos, como Claudio de Souza e Gabriela Mistral e a imprensa, eles estavam entre as primeiras pessoas que acorreram ao pequeno bangalô, alugado pelo escritor até abril de 1942, tão logo a notícia da morte se tornou pública. Raras vezes se encontra nos diários de Feder uma condenação tão impiedosa de contemporâneos seus:

Nojento como Frischauer e Stern, duas moscas varejeiras asquerosas em uma bela flor, apoderam-se da cópia anexa do testamento de Nova York e vasculham tudo (...) E Frischauer, aquele porco fumante, que (...) só pensa em como pode tirar proveito do caso. “Sempre fui contra a falsa modestia”, disse F., referindo-se à casinha, já que pessoalmente é a favor da fraude. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 23/2/1942)

O enterro com honras de estado, o sinal de respeito do governo brasileiro para o escritor famoso, tocou Feder profundamente, pois evidenciou que

aquela morte não deixou ninguém indiferente e que a tristeza em torno da grande perda unia a todos:

A cidade inteira impressionada com as homenagens. (...) Enquanto os carros fúnebres percorrem a cidade (...), todas as lojas fecham suas portas espontaneamente. No cemitério, a multidão é tão grande que só dá para ver ou escutar pouco, uma imagem comovente essa multidão que inclui todas as camadas, raças e classes e está visivelmente emocionada. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 24/2/1942)

Mais do que nunca, depois daquele evento, o jornalista passou a conhecer os brasileiros como um povo especialmente sensível, cuja consternação com a morte de Lotte e Stefan Zweig o tocou muito. O fato de ter registrado repetidamente em seu diário essa comoção tão espontânea revela o quanto abalou-se com ele.

Nossos vizinhos metodistas, os Almeida, são emocionantes. Compraram o livro sobre o Brasil e o leem devotamente, página por página. Leram meu artigo, gostei muito, vem do coração. (...) Quando ele voltou na segunda à noite do Rio e leu na ‘Noite’ sobre a morte, não me procurou propositalmente para não me dar ainda esse choque à noite. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 27/2/1942)

Graças a seu vasto círculo de amigos e conhecidos, Feder conhecia como nenhum outro a quantas andava o estado de ânimo de refugiados e brasileiros. Ambos os lados falavam com ele sobre as suas ideias a respeito do trágico suicídio duplo. Embora ele próprio tivesse escrito vários artigos para jornais brasileiros, suíços e de fala alemã na Argentina, Feder criticou a reação na imprensa, por achar que muita gente não qualificada estava emitindo opiniões: “Qualquer um que tenha visto Zweig

uma vez na vida ou recebido dele um convite para visitá-lo, agora se sente obrigada a escrever um artigo interpretando os possíveis motivos para o suicídio”. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 12/3/1942)

Os amigos brasileiros mais próximos de Zweig, o editor Abrahão Koogan e o advogado e testamenteiro Samuel Malamud, introduziram Feder nos detalhes sobre cerimônias, como o enterro, e o seu legado literário.

Com (Abrahão) Koogan e seu advogado (Samuel) Melamed (*sic*) (...) para Petrópolis, onde diante de juiz e responsáveis pelo acervo os manuscritos são confirmados. Trata-se de:

1. Amerigo Vespucci, resolvido
2. Montaigne, alguns capítulos concluídos, outros quase, além disso, anotações.
3. Balzac: o primeiro volume sobre sua vida parece concluído
4. Um romance policial: “Wer war es?”
5. *A partida de Xadrez* (*Schachnovelle*) cuidadosamente corrigida, minhas sugestões parecem ter sido acatadas, pelo que pude ver ao folheá-lo (por falar nisso, Zweig deu um manuscrito da novela *A partida de Xadrez* a um amigo brasileiro como presente de casamento).
6. Um manuscrito da autobiografia
7. Romance de uma mulher 1902-1930
(...) (Alfred) Agache fez um esboço para um memorial por Zweig (...) Koogan acha: ou o Pen Club paga o memorial, então Claudio (de Souza) pode ter a honra; ou os judeus pagam, ou ele sozinho, coisa que ele topou. Ele vai escrever isso para (Manfred) Altmann (irmão de Lotte e herdeiro universal do patrimônio, M.E.), (...) e perguntar se Altmann quer arcar com os custos. (...) parece que vai custar 30 Contos. Eu acho o esboço pobre e sem imaginação. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 6/3/1942, 4/5/1942, 13/5/1942)

De resto, Victor Wittkowski buscou aconselhamento jurídico com Feder porque Abrahão Koogan e Manfred Altmann criaram dificuldades para que ele visse o legado literário de Zweig no Brasil, que o escritor lhe havia transmitido.

De manhã, (Victor) Wittkowski, a revisão do acervo de Zweig esbarra em dificuldades, 1. (Abrahão) Koogan tomou-lhe de volta os manuscritos com exceção do Balzac, ele quer que Koogan os devolva a ele depois de falar com (Samuel) Malamud porque, segundo carta de Zweig, tem direito a tal, 2. Koogan lhe disse que (...) (Manfred) Altmann teria tido um ‘choc’ (*sic*) e que por enquanto tudo deveria ser parado, eles teriam todos os manuscritos em Londres, supostamente 2 volumes de Balzac, 3. (Friderike) Zweig lhe escrevia que um tal (Richard) Friedenthal, conhecido de Zweig, que mora com os Altmann, estaria preparando um volume em homenagem ao Zweig, obviamente ele (Wittkowski) teria primazia, segundo Senhora Zweig. (...) 4. Recebeu ontem telegrama de Altmann para parar com seu ‘work’ até receber carta via aérea de Altmann. Ele quer me apresentar com um (Ernst) Barlach pelos meus esforços. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 18/7/1942)

Mais tarde, Friderike Zweig também trocou confidências com Feder e pediu dele não apenas informações sobre a vida e o estado de alma do ex-marido no Brasil, mas também apoio jurídico para esclarecer a questão da herança, pois Abrahão Koogan hesitou muito antes de entregar o manuscrito de uma canção de Mozart, *Das Veilchen*, legado por Zweig à sua primeira mulher. “Senhora Friderike Zweig detalhadamente sobre sua difícil situação: (...) que eu lhe ajudasse a ter o livrinho de Mozart que está nas mãos do Koogan. Cain lhe escreveu que eu sou o advogado.” (FEDER, *Tage-*

bücher v. 18, 30/05/1948). Ambos se correspondiam regularmente, assim Feder também teve conhecimento dos desenvolvimentos na pesquisa sobre Zweig. Mas não foram apenas esses contatos que resultaram em uma intensa ocupação do jornalista com o destino do escritor austríaco. Ele próprio ainda ficou algumas semanas tentando descobrir os motivos que estariam atrás daquela decisão fatal. Sem levar em consideração os momentos que ele não sabia confirmados por fatos e, portanto, taxava de boatos, o suicídio se justificava pela soma dos seguintes fatores:

Ideias sobrevalorizadas sobre a falta de pátria, a errância, a falta de direitos do estrangeiro, o patrimônio perdido e ameaçado, as restrições do patrimônio linguístico alemão, a dependência quase total de traduções, além disso o sofrimento ilimitado do mundo e o noticiário político tenebroso, que torna ainda mais sombrias as reações ao otimismo artificial da rádio londrina. Sua última obra concluída, a novela *A partida de Xadrez*, desenha um psicopata na figura do advogado vienense, um psicopata que é levado às raias da loucura pela perseguição física pela Gestapo. Nele, o escritor fez um autorretrato: alguém que quer procurar o suicídio por causa da perseguição da Gestapo. (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 9/3/1942)

Primeiro leitor da novela *A partida de Xadrez*, antes mesmo da publicação da obra, Feder relacionou o autor com o personagem principal, a exemplo do que depois fizeram outros pesquisadores de Zweig.

Quando se lança a questão sobre possíveis consequências da atuação e do suicídio de Zweig no diário de Feder, pode-se constatar que modificou seu estilo costumeiro. Se suas anotações nos diá-

rios normalmente tinham caráter mais documental e protocolar, em um estilo estenográfico, os encontros e as trocas de ideias com Zweig foram registrados com um nível de detalhe extraordinário, como se ele tivesse intuído sua importância. Mesmo depois da morte de Zweig, Feder conservou esse nível de detalhamento quando se tratava do mesmo assunto – o qual, aliás, perpassa seu diário e sua vida como um fio da meada.

A situação pessoal de Feder foi a mais influenciada pelo acontecimento. Mesmo abstraindo seu papel enquanto pessoa de confiança nas questões ainda não solucionadas da herança, o que se pode constatar no rastro do evento é principalmente o aumento das oportunidades de publicação e, com isso, uma melhoria da situação financeira. Como a opinião de Feder era tida como séria e ele como uma pessoa íntegra, nos anos posteriores recebeu vários convites para falar sobre Zweig e seu período brasileiro. Ao longo dos anos, publicou numerosos artigos no Brasil, na Argentina, nos EUA e, depois da guerra, também na Alemanha e na Áustria. Em 1947, já somava 32 artigos (cf. FEDER, *Tagebücher*, v. 17, 27/3/1947). Certa vez, quando Feder entregou mais um artigo sobre Zweig, Samuel Wainer o chamou de “amigo eterno de Zweig”, ao que Feder teria retrucado: “Não só (*sic*) daqueles que esquecem” (FEDER, *Tagebücher*, v. 15, 21/5/1943). Neste sentido, por volta de 1953/54, Feder se engajou em prol de uma reedição de *Brasil, um país do futuro*, mas sem êxito. A fama adquirida por Feder enquanto conhecedor do período brasileiro de Zweig haveria de lhe servir ainda durante bastante tempo. Em maio de 1946, ele anotou em seu diário: “À tarde, no Ministério da Justiça com o jovem, aparentemente inteligente, Isidoro Zanotti, secretário do Departamento do Interior. Já conhecia minhas publicações sobre Stefan Zweig”. (FEDER, *Tagebücher*, v. 17, 28/5/1946).

Durante toda sua vida, Feder sempre considerou importante manter viva a lembrança do escritor.

Feder morreu em 1964 em Berlim Ocidental, para onde ele e sua mulher haviam regressado em 1958, atendendo a um convite pessoal do então presidente alemão Theodor Heuss, mas também por motivos de saúde. Naquela época, ele havia sido praticamente esquecido tanto em sua pátria alemã quanto no país do exílio, o Brasil. Mas com seu *Diário Brasileiro*, o “democrata (...), o homem íntegro, que de cabeça erguida atravessou a selva do mundo de Hitler, puro e intocado de toda a sujeira da sarjeta hostil” (ROSENSTEIN, 1951, p. 2), legou ao mundo um testemunho único do exílio dos refugiados do nazismo de língua alemã de 1933 a 1945 e da história do Brasil de 1941 a 1958.

NOTA

1 Como os vários artigos de Feder e as biografias de Zweig narram essa noite, não entraremos aqui em detalhes. Ver FEDER, 1942 a+b; 1943; 1944; 1968. Sobre esse assunto e mais detalhes sobre as circunstâncias do exílio brasileiro de Feder, recomenda-se a leitura dos livros de DINES (2006), ECKL (2010), KESTLER (2003) e KOIFMAN (2002).

REFERÊNCIAS

- BENITEZ, Juan Pastor. “A flor do exílio: Ernesto Feder e Fabrice Polderman”. In *O Jornal*, 14/03/1946.
- DINES, Alberto. *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.
- DYCK, Richard. “Weltgeschichte in Schattenrissen”. In *Aufbau*, New York, 29.12.1950.
- ECKL, Marlen. “Das Paradies ist überall verloren”. Das Brasilienbild von Flüchtlingen des Nationalsozialismus. Frankfurt am Main/Madrid/Orlando: Vervuert Verlag, 2010.

FEDER, Ernst. *Tagebücher*. v. 15 (1941-1943); v. 16 (1944-1945); v. 17 (1946-1947); v. 18 (1948). In: Ernst Feder Collection. AR 7040. Leo Baeck Institute. New York.

_____. “Stefan Zweigs letzte Tage”. In: ARENS, Hanns (Hg.): *Stefan Zweig. Im Zeugnis seiner Freunde*. München/Wien: Langen Müller Verlag, 1968.

_____. Mapas do Brasil na Casa de Goethe. In: *Diário Carioca*, 09.09.1951

_____. *Goethes Liebe zu Brasilien*. Ijuí: Verlag Ulrich Löw, 1950.

_____. *Begegnungen. Die Großen der Welt im Zwiegespräch*. Esslingen: Bechtle Verlag, 1950a.

_____. “My Last Conversations with Stefan Zweig”. In: *Books Abroad*. Norman, Oklahoma, 17 (1), 3-9, 1943.

_____. “Recordações Pessoais”. In: AZEVEDO, Raul de. *Vida e morte de Stefan Zweig*. Edição especial da revista *Aspectos*. Rio de Janeiro, 128/129, 1942a.

_____. “Recordando Stefan Zweig”. In: AZEVEDO, Raul de. *Vida e morte de Stefan Zweig*. Ed. especial da revista *Aspectos*. Rio de Janeiro, 132-134, 1942b.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. (trad. Karola Zimmer). São Paulo: Edusp, 2003.

KOIFMAN, Fábio. *Quixote nas trevas – O embaixador Souza Dantas e os refugiados do nazismo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

ROSENSTEIN, Paul (1951): *Mein lieber, guter alter Freund Ernst Feder*. Manuscrito da alocução por ocasião do 70º aniversário de Ernst Feder, 18/3/1951. In: *Ernst Feder Collection*. AR 7040. New York: Leo Baeck Institute, 1951.